



REDE ALFAMED BRASIL | PPGCOM/UFJF

23 A 25 DE OUTUBRO DE 2017

FACOM/UFJF

## AFASTA DE MIM ESTE CALE-SE<sup>1</sup>

### Direitos humanos também se aprendem na escola

Rebeca Letieri Guasti da Silva<sup>2</sup>

João Batista de Abreu<sup>3</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro

#### Resumo

Este trabalho tem o objetivo de estender à sociedade uma discussão sobre os direitos humanos que, muitas vezes, permanece restrita ao meio acadêmico ou ao universo de organizações especializadas e das próprias vítimas. Ao longo de 10 anos, o projeto de extensão que nasceu da iniciativa de um grupo de estudantes de Jornalismo da Universidade Federal Fluminense mostra a importância de se possível levar o conhecimento sobre a História recente do país para além dos bancos escolares.

#### Palavras-chave

ditadura; censura; direitos humanos; memória

“Muito ganharíamos se nos preocupássemos mais em estudar as contradições porque as identidades e coerências se explicam por si mesmo”.

José Saramago, em “A Caverna”

A discussão sobre os casos de abuso de poder e violação de direitos humanos no Brasil e no exterior, sobretudo aqueles praticados pelas autoridades, tem despertado a consciência dos jovens para a desigualdade e a intolerância de governos no trato com as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Temática XXXXXXXXXX do II Congresso Internacional sobre Competência Midiática realizado na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACOM/UFJF) entre os dias 23 a 25 de outubro de 2017.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela UFF, [rebecaletieri@hotmail.com](mailto:rebecaletieri@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professor de Comunicação Social da UFF, [joabajr@uol.com.br](mailto:joabajr@uol.com.br)

diferenças. Num mundo globalizado, que atravessa uma revolução de ideias e comportamentos, é indispensável aprender a respeitar as diferenças e denunciar esses casos. Os meios de comunicação alternativos, como blogs e *sites* independentes, produzidos por ONGs, entidades humanitárias e universidades, podem contribuir para reduzir a intolerância, relatando situações de risco, sobretudo aquelas vividas por pessoas desfavorecidas socialmente.

Os projetos laboratoriais mantidos por universidades ajudam a desenvolver o domínio das técnicas jornalísticas de forma distinta da mídia hegemônica, dando voz àqueles que são silenciados ou que só aparecem na mídia como personagens da marginalidade e do desvio social. Tal prática reforça o preconceito e agrava o abismo entre as classes. O projeto *Afasta de mim este cale-se* resgata o jornalismo como campo de conhecimento e de prática social voltado para a diversidade de comportamento e reflexão sobre o que leva à violência exercida pela autoridade e pelo cidadão comum.

O projeto de extensão tornou-se uma alternativa ao discurso da mídia hegemônica que privilegia as vozes conservadoras e da autoridade constituída, como se existisse um discurso, ou seja, o discurso único preconizado pelos defensores da globalização como corrente de pensamento. A primeira versão do *Cale-se* tinha como bolsistas: Maria Luiza Muniz, hoje doutora em Ciências Sociais pela UnB, Renata Cunha, hoje assessora de imprensa do Centro de Artes da UFF, e Sheila Jacob, doutoranda em Letras pela UFF, membro do Núcleo Piratininga de Comunicação.

A elaboração levou em conta a necessidade de divulgar para a sociedade a história e a memória acerca da ditadura civil-militar (1964-1985), período agudo na mente de inúmeros cidadãos afetados pela opressão e o silêncio. Mais de três décadas após o fim da ditadura e 10 anos depois do início do projeto, o país ainda atravessa um processo de amadurecimento da democracia, o que torna essencial o conhecimento e a valorização das memórias e histórias de brasileiros, muitos deles anônimos, e obrigados a sofrer calados as arbitrariedades dos donos do poder, fossem eles militares de alta patente ou empresários patrocinadores e beneficiários do regime.

No desenvolvimento do *Cale-se*, confirmamos a percepção do quanto é importante a existência de um veículo que se destine a promover o diálogo entre a universidade e as camadas populares da sociedade, mais vulneráveis às violações dos

direitos humanos. Dessa forma, criamos um espaço *online*<sup>4</sup> para que, por meio do registro jornalístico e da divulgação das experiências dessas “minorias”, se estabeleça uma ação que leve a universidade a transpor os muros acadêmicos e retribuir o investimento feito pela sociedade na sua manutenção.

Esta disposição, contudo, não se restringe à virtualidade do *site*. Por isso, ressaltamos a relevância de estimular integrantes do projeto a transmitirem e reportarem conteúdos relacionados à questão dos direitos humanos. Esta temática está pouco presente – ou de fato ausente – na realidade de alunos da rede pública de ensino. Queremos contribuir para que os silêncios do passado e dos dias atuais sejam substituídos pela denúncia, pela busca de soluções e alternativas.

A página permanece como um espaço para ampliação dos horizontes do trabalho acadêmico, aberta à participação de colaboradores de dentro e de fora da Universidade. Pesquisamos sobre pessoas e histórias que podem ser pautadas para cada uma das seções do *site*, como por exemplo, “8 de março – Uma mulher à frente de seu tempo<sup>5</sup>”, que conta a história de Vanna Piracini, fundadora da antiga Livraria Leonardo da Vinci, na Avenida Rio Branco, no Centro do Rio de Janeiro, que em plena ditadura civil-militar continuou a oferecer livros ameaçados de proibição; e “De frente com o algoz<sup>6</sup>”, que relata uma audiência pública organizada pela Comissão da Verdade com o torturador e ex-major do Exército Valter da Costa Jacarandá. As duas matérias resgatam histórias de vida distintas, os dois lados da moeda de um mesmo período histórico. Cada um a seu modo desempenhando um papel de forma anônima.

Também merecem registros, a matéria sobre os moradores da Vila Autódromo<sup>7</sup>, na Zona Oeste do Rio, ameaçados de remoção sob o pretexto dos Jogos Olímpicos; a perseguição policial contra as prostitutas que foram despejadas de um prédio no Centro de Niterói<sup>8</sup>; a ação da polícia de imigração da Irlanda<sup>9</sup> contra uma jovem, ex-aluna do

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://afastaestecalese.com/>> Acesso em 18 de outubro de 2017.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://afastaestecalese.com/2014/03/08/8-de-marco-uma-mulher-a-frente-de-seu-tempo/>> Acesso em 18 de outubro de 2017.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://afastaestecalese.com/2013/08/16/de-frente-com-o-algoz/>> Acesso em 18 de outubro de 2017.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://afastaestecalese.com/2016/04/26/a-vila-autodromo-nao-existe-ela-reexiste/>> Acesso em 18 de outubro de 2017.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://afastaestecalese.com/2014/12/23/estupro-social/>> Acesso em 18 de outubro de 2017.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://afastaestecalese.com/2013/01/07/estrangeiros-nao-merecem-respeito/>> Acesso em 18 de outubro de 2017.

IACS, impedida de ingressar no país sob a suspeita de praticar prostituição só pelo fato de ser brasileira. Além das entrevistas com o jornalista Cid Benjamin<sup>10</sup>, por ocasião do lançamento do livro *Gracias a la vida – memórias de um militante*, e da também jornalista Denise Assis<sup>11</sup>, que escreveu *Imaculada*, a história de uma freira que foi estuprada por torturadores no interior de São Paulo durante o regime militar.

O livro *As manobras da informação – análise da cobertura jornalística da luta armada* afirma na conclusão que o jornalismo, como campo de produção do discurso, representa uma oferta de realidade que produz referências, e podem ou não ser absorvidas pelo leitor.

Numa sociedade democrática, em que os vários segmentos tenham acesso a meios de informação que expressam suas visões de mundo, a oferta de realidade tende a representar uma opção livre de consumo de notícias e, portanto, de ideologias. Numa sociedade autoritária, em que a circulação de ideias é restrita, a realidade apresentada tem mais chances de ser absorvida, compondo um quadro hegemônico que anula o contraste, um dos ingredientes básicos do discurso jornalístico. (ABREU, 2000)

O exemplar, baseado na dissertação de mestrado do mesmo nome defendida em 1998 no programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, analisa a conduta da mídia hegemônica na cobertura das ações de guerrilha durante a ditadura civil-militar entre 1966, quando começam as ações armadas de oposição, e 1985, quando o país retoma o período de redemocratização.

O silêncio, seja com Discurso da Opressão, seja como Discurso da Resistência, representa um espaço importante de análise de qualquer discurso jornalístico. O “dizer” também significa “não dizer”, portanto “omitir”. No telejornalismo, “mostrar” também é “não mostrar”, portanto “esconder”. O livre arbítrio revela uma interpretação dos fatos sociais que ajudam a produzir uma nova realidade exposta pelos meios de comunicação. (ABREU, 2000)

O Projeto *Cale-se* nasceu com a pretensão de romper a barreira do silêncio, e desvendar um Brasil que se esconde no anonimato e faz da discordância um ato anônimo de reação aos senhores do poder.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://afastaestecalese.com/2013/11/24/entrevista-com-cid-benjamin/>> Acesso em 18 de outubro de 2017.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://afastaestecalese.com/2013/10/09/jornalista-lanca-livro-inspirado-em-denuncia/>> Acesso em 18 de outubro de 2017.

## Livro e Debate

“Como beber dessa bebida amarga  
Tragar a dor, engolir a labuta  
Mesmo calada a boca, resta o peito  
Silêncio na cidade não se escuta”

Cálice de Gilberto Gil e Chico Buarque

O trecho da música “Cálice” de Gilberto Gil e Chico Buarque, artistas perseguidos pela ditadura, foi inspirador para a escolha do título do projeto iniciado em 2004, na disciplina Técnica de Redação ministrada pelo professor João Batista de Abreu, do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal Fluminense. Na época, os alunos produziram reportagens sobre o impacto do assassinato do jornalista Vladimir Herzog – morto em 25 de outubro de 1975, nas dependências do DOI-CODI de São Paulo – e da repressão militar na vida dos cidadãos perseguidos durante o regime.

No início de 2006, o conteúdo foi compilado em um livro-reportagem com o mesmo nome do projeto. A publicação foi impressa pela Gráfica Universitária com o apoio do Centro de Estudos Gerais (CEG), do Núcleo de Comunicação Social (NUCS) da UFF e da Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos.

Às 18h10min do dia 25 de outubro de 1975, o capitão Ubirajara entra numa das celas localizadas no prédio do DOI-Codi de São Paulo. Morto, à sua frente, está Vladimir Herzog, diretor de jornalismo da TV Cultura. A alguns milhares de quilômetros dali, na gélida e distante Estocolmo, capital da Suécia, um homem de 32 anos prepara-se, depois de dois anos em solo escandinavo, para ir a Portugal. Mas uma notícia o deixaria abalado. O velho amigo Vlado fora assassinado pela ditadura brasileira. Seu nome, Luiz Alberto Sanz.<sup>12</sup> (COSTA, Breno)

Sanz voltou mais tarde à UFF<sup>13</sup>, em 2013, para um debate no auditório do IACS a convite dos bolsistas Rebeca Letieri, hoje repórter no *Jornal do Brasil*, e João Pedro Soares, hoje repórter na rede *Deutsche Welle*, na Alemanha.

---

<sup>12</sup> Matéria de Breno Costa publicada no livro disponível em:  
<[http://www.uff.br/calese/pdf/Afasta\\_de\\_Mim\\_este\\_Cale\\_se.pdf](http://www.uff.br/calese/pdf/Afasta_de_Mim_este_Cale_se.pdf)> Acesso em 13 de outubro de 2017.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://afastaestecalese.com/2013/12/15/a-ditadura-e-o-ai-5/>> Acesso em 18 de outubro de 2017.

Nas vésperas do aniversário de 50 anos do golpe militar, o *Afasta de mim esse cale-se*, em parceria com o jornal dos alunos do IACS, jornal *O Casarão*, promoveu, pela primeira vez, uma mesa redonda com o tema: “Militância política: um olhar de quem viveu a ditadura”. O debate contou com a presença dos professores da UFF, Antonio Serra, Luiz Alberto Sanz e o próprio coordenador do projeto João Batista de Abreu.

Sanz é jornalista, cineasta, crítico teatral e professor titular aposentado do Departamento de Comunicação Social da UFF, com Notório Saber pela UFF. Ele foi preso e torturado em 1969, quando atuava na Vanguarda Popular Revolucionária. Viveu no Chile durante o governo da Unidad Popular, onde chegou em janeiro de 1971, na troca de prisioneiros políticos por ocasião do sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher.

O professor do Departamento de Filosofia e de Comunicação Social, Antônio Amaral Serra, preso pelo governo militar após 1964, foi o primeiro presidente do diretório Caco Livre (Cetro Acadêmico Cândido de Oliveira), da Faculdade de Direito da UFRJ entre 1965 e 1966, quando o governo militar fechou o diretório oficial. Ingressou como professor temporário na UFF em 1972, para lecionar História dos Meios de Comunicação aos estudantes do IACS.

O debate foi carregado de depoimentos emocionantes a respeito da perseguição sofrida pelos docentes durante o regime de exceção. Os palestrantes ouviram perguntas da plateia sobre as manifestações ocorridas no Brasil nos meses de junho e julho de 2013, e manifestaram apoio à movimentação popular, em especial aos jovens, e à busca por mudança. “Algumas pessoas achavam que era o AI-5 era ‘coisa para inglês ver’, um amigo que me falou isso acabou preso dias depois”, disse Antonio Serra na ocasião.

## **Estrutura e Editorias**

A página da Internet deve permanecer como um espaço para ampliação dos horizontes do trabalho acadêmico. Além disso, cada uma das seções (*Entre-vistas; Não se cale; Espaço Literário* ou *Impressões de Viagem*) é dedicada às histórias sobre o passado e o presente, a fim de contribuir para o futuro.

O *site* também abriga espaço para publicar artigos de pesquisadores de diversas áreas sobre temáticas relacionadas aos Direitos Humanos. E busca maior interatividade com o leitor, utilizando recursos específicos da Internet que possibilitem ao público interferir na produção da informação, seja pela disponibilização de um espaço para comentários, bem como pela constante alimentação de páginas nas redes sociais.

Seguindo uma característica básica do fazer jornalístico, este projeto visa ao favorecimento da atualidade. Ou seja, abordar, por meio dos textos produzidos, as violações que ainda hoje ocorrem.

A edição é feita pelo coordenador do projeto, e pela jornalista recém-formada Rebeca Letieri. A execução de tarefas, como a produção de texto, ideias de pautas, entrevistas, fotos, vídeos e todo o conteúdo em geral, bem como a divulgação desse conteúdo e a diagramação da página; fica a cargo da equipe do projeto, levando em consideração as características da linguagem hipermídia e as limitações técnicas da plataforma. O *site* também disponibiliza para *download* o pdf do primeiro livro-reportagem publicado pelo *Cale-se*.

As matérias são, em sua maioria, produzidas por estudantes de Jornalismo e professores. Quando a equipe considera relevante, artigos, matérias e resenhas de outros jornalistas, são republicados, quando há intenção de divulgar um material que contenha o mesmo objetivo do *site*.

Sabemos que resta muito ainda por fazer, tanto no aspecto de conteúdo, quanto na divulgação do trabalho de extensão. Mas temos orgulho do trabalho realizado ao longo destes 10 anos.

## **Os protagonistas desta história**

A seguir publicamos depoimentos de alguns ex-bolsistas do projeto *Afasta de mim este cale-se*.

### **Malu Muniz**

No ano de 2005, quando já se passavam 30 anos desde o assassinato do jornalista Vladimir Herzog nas dependências do DOI-CODI de São Paulo, recebemos a

proposta do professor João Batista para que os alunos produzíssemos um conjunto de reportagens revisitando o dia 25 de outubro de 1975. Não voltaríamos à cena do crime. Visitaríamos o espaço-tempo em que estavam alguns atores diversos. A ideia era reelaborar e reativar memórias de um dia que, por diferentes razões, e em diferentes lugares, marcou a vida de pessoas que sequer conheciam pessoalmente o jornalista torturado e morto pelas forças de repressão do regime militar. Este já estava em seu período de desgaste e abertura – muito lenta, gradual e seletivamente segura.

Ao coincidir com investigações pessoais que eu realizava sobre jornalistas militantes no espaço prisional, em particular durante o período da ditadura militar, o trabalho ultrapassou as fronteiras da sala de aula, da Universidade, e do tempo. O conjunto de reportagens deu origem a um livro que foi distribuído gratuitamente dentro e fora de espaços acadêmicos.

Atentas às realidades cotidianas, percebemos a importância de trasladar aquela abordagem aos tempos atuais, quando o inimigo social já não era o comunista, o “terrorista”, mas sim pobres e negros, que habitavam um ‘não-lugar’, onde o Estado chegava apenas em sua faceta mais violenta e repressiva. Voltamo-nos para a triste ausência-presente vivida pelas Mães de Acari, em busca de seus filhos desaparecidos; atentamos para as vidas fronteiriças de jovens moradores de favelas, classificados, categorizados, racializados, discriminados. Mas também resistentes com uma pequena rádio comunitária instalada na Vila do João, parte do Complexo da Maré.

Afastar o silêncio nos convidava a aproximar-nos, romper fronteiras sociais, econômicas, raciais. Se houve um tempo em que falávamos em “dar voz aos sem voz”, aquele presente nos ensinava, desde a prática jornalística, que o desafio era outro. Desde nossos espaços privilegiados, numa universidade ainda mais branca e elitista, era urgente horizontalizar, transversalizar e interculturalizar nossas palavras. Era preciso incluir novos métodos e até mesmo outros verbos, para alcançar novas práticas e epistemes desde a Comunicação a outras áreas de conhecimento. Ainda é uma tarefa pendente.

Passada uma década, os rumos da política institucional nos mostram que deixamos muito trabalho por fazer, nossa dívida com o passado é imensa, gigantesca. Não apenas o passado ditatorial, que invade o presente cada vez que ocorre uma ação policial na Maré ou em qualquer comunidade pobre e majoritariamente negra do país.



Nossa dívida é com o passado da Diáspora negra, que se faz presente em uma sociedade extremamente desigual.

O caminho da extensão universitária é, por fim, abrir as portas da Universidade, permitir que ela seja ocupada por discursos mais diversos; que nossas aulas se deem no ‘campo’, com o ‘campo’, desde o ‘campo’ de apuração/ investigação; que abdicemos do lugar de perguntadores, passando a socializar o direito à interrogação com outros sujeitos e sujeitas.

### **Renata Cunha**

O projeto “Afasta de mim este cale-se” me deu a primeira oportunidade efetiva de pensar o jornalismo de forma política. Não sob a ótica do noticiário do dia a dia, ou da editoria que dá nome a uma parte do jornal, mas do ofício politicamente inserido. Lá, exercitamos um jornalismo que ouve, redige e edita sem pudor do posicionamento. Aliás, entendo que o fazer jornalístico não pode existir sem esse ser-estar político. A pretensa isenção jornalística já nos custou e nos custa, diariamente, muito caro, pois dá aval a toda sorte de arbítrios e violações, respaldando arbitrariedades promovidas pelo Estado, naturalizando violências e contribuindo para um verdadeiro genocídio das minorias (que por vezes é maioria). E é por esse pensamento, mesmo estando fora de uma redação, que guio o meu “estar no mundo” e a minha linha de atuação em todos os campos da vida e da profissão.

Nesse percurso no projeto de extensão, nós alunos vivemos a liberdade e as limitações de falar de dentro da academia, que é uma zona de conforto para os nossos (tantos) privilégios, mas também espaço de laboratório e chance de um fazer diferenciado, para além das técnicas e tecnologias do curso. Aproximar-se das diferenças, ouvir histórias e narrá-las com empatia e coerência é um aprendizado fundamental para qualquer ser humano, principalmente para um futuro profissional de comunicação.

Resgatamos o passado da ditadura militar e, sob diversos vieses, o conectamos àquele presente (cada vez mais presente). Se naquela época nos dissessem que dez anos depois estaríamos clamando por voto livre e assegurado, falando da necessidade de reação a um golpe e de luta contra a censura respaldada por um forte conservadorismo civil, não acreditaríamos, pensaríamos se tratar de uma piada de mau gosto ou de um

sonho ruim e mal dormido. Mas cá estamos, numa conjuntura dura, desfavorável, diante da qual é preciso existir, agir e reagir. Este é o conselho para as próximas gerações do *Cale-se*: fazer desse projeto uma centelha de resistência em meio às trevas que voltam a se anunciar no horizonte.

### **Sheila Jacob**

Nos meses finais de minha graduação, tive a oportunidade de participar do projeto de extensão “Afasta de mim este cale-se”. Essa experiência certamente foi chave na conclusão da minha formação como jornalista, e hoje, quase dez anos depois, avalio que foi determinante no caminho profissional que escolhi.

Até participar desse projeto, eu havia basicamente feito estágios na área de assessoria de imprensa. Com o *Cale-se*, pude finalmente “colocar a mão na massa” do texto, participando das diversas etapas de produção de matérias jornalísticas – desde a escolha da pauta, passando pela apuração, redação até a edição junto aos professores coordenadores. Mas não apenas. Com esse projeto, também pude escolher como caminho a ser trilhado o jornalismo comprometido com a defesa dos direitos humanos e com a visibilidade de narrativas que não são privilegiadas pelos meios de comunicação tradicionais.

Naqueles longínquos anos, mal sabia eu que esse projeto se tornaria cada vez mais necessário, principalmente em um momento tão crítico no qual muitos brasileiros exaltam a ditadura, transformam em mito um parlamentar que defende os torturadores e pedem “intervenção militar” como solução mágica para os (des)caminhos de nosso país. Penso que, mais do que crueldade, esses discursos são fruto da ignorância, são resultado do profundo desconhecimento desse passado que o “Cale-se” vem tentando contar, a partir de tantas vozes, vivências e experiências que marcaram e foram marcadas por aquele período.

Dentre as entrevistas, resenhas e reportagens desenvolvidas, uma, em especial, me marcou. Foi escrevendo para o “Cale-se” que pude visitar, em 2008 (ou 2009), a casa do advogado Modesto da Silveira, figura importantíssima de nossa história, reconhecido pela defesa de presos políticos durante a ditadura militar. Sou grata à universidade pública – e a seu projeto de extensão – por conhecer de perto essa figura tão respeitada e por mim, até então, desconhecida. Muitas e muitas vezes depois

esbarrei com Modesto em eventos ligados a movimentos populares e sindicatos, o que sempre me emocionou por saber que aquele homem era um daqueles lutadores imprescindíveis de que falava Bertolt Brecht. Modesto faleceu no ano passado, e não pude deixar de comparecer a seu velório. Acho que não é exagero dizer que aquela entrevista marcou a minha vida.

Para que o “Cale-se” possa atingir um público mais amplo, talvez possa ser mais “presente” nas redes sociais, assim como ter um canal no *Youtube* e ali divulgar vídeos (curtos) com trechos de entrevistas, músicas, "resenhas faladas" (estilo *booktuber*), e outras iniciativas afins.

### **João Pedro Soares**

Participar do “Cale-se” foi uma das experiências mais ricas da minha graduação em Jornalismo na UFF. Junto com outra bolsista, ingressei no projeto logo em meu primeiro período na faculdade. Tivemos a oportunidade de retomá-lo após um período de inatividade e, sob orientação, produzir conteúdos relacionados à temática da memória e direitos humanos. Publicamos importantes reportagens e entrevistas que, embora estivessem alocadas no *site* de um projeto de extensão da universidade, repercutiam para fora de seus muros. O alcance de nosso trabalho nos mostrou de imediato a importância daquilo que fazíamos.

Dentre várias lembranças que guardo desse período, a mais impactante diz respeito à cobertura de uma audiência pública organizada pela Comissão Estadual da Verdade do Rio em agosto de 2013. Na ocasião, o ex-major Valter da Costa Jacarandá foi interrogado pelo então presidente da CEV. Após ouvir relatos de tortura de ex-militantes que foram prisioneiros políticos da ditadura – inclusive algumas vítimas dele próprio –, Jacarandá confirmou a prática de crimes humanitários durante o período publicamente. Ali, tive a certeza de estar vendo a história ser escrita, com o privilégio de colaborar para a construção dessa narrativa.

As discussões a respeito do projeto, além do próprio processo produtivo, impactaram profundamente na minha forma de pensar e praticar o jornalismo. Neste ano, trabalhei por quatro meses na rádio CBN, a mais importante do país, antes de sair para uma oportunidade internacional. Meu trabalho se destacou justamente pela cobertura de pautas relacionadas às temáticas dos direitos humanos e da memória. Em

minhas reportagens, expus situações de total desrespeito à dignidade humana e às liberdades individuais observadas no Rio de Janeiro.

Em síntese, o *Cale-se* foi fundamental para moldar minha formação jornalística e me mostrar, desde cedo, a importância do trabalho do jornalista como escritor da narrativa histórica. Pensar que a minha produção interfere na forma como o público irá interpretar o passado e o presente me faz perceber a enorme responsabilidade que temos nessa profissão. Além disso, a oferta aos estudantes da possibilidade de ter contato com as pautas que norteiam o projeto desde cedo na universidade, em um momento de ataque brutal e deliberado à defesa dos direitos humanos no Brasil, é mais que uma conquista acadêmica. Trata-se de um necessário e elogiável ato de resistência.

### **Considerações Finais**

O que tem a ver a universidade pública com os excluídos pela sociedade? De que forma a academia pode contribuir para dar voz aos perseguidos políticos ou socialmente num país marcado por uma desigualdade secular? Como é possível conciliar o ensino de Jornalismo com o resgate da História recente do país para que os desmandos e o autoritarismo não caiam no esquecimento?

Passados 53 anos da instauração do regime militar, que vigorou no Brasil de 1964 a 1985, diversos acontecimentos que afetam diretamente centenas de pessoas permanecem ocultos. O jornalismo possui papel fundamental no sentido de trazer à tona essas histórias. E apesar da conquista da democracia, constatamos que violações de direitos humanos continuam a ocorrer, principalmente em lugares onde a população residente possui renda inferior à média.

Em virtude da rotina de produção dos profissionais do jornalismo, dos interesses político-econômicos das empresas jornalísticas, entre outros fatores, esses abusos são, muitas vezes, silenciados. Em última análise, gostaríamos de tornar possível oferecer um olhar mais amplo sobre a História pelo relato das memórias de pessoas que presenciaram, ontem e hoje, o cerceamento aos direitos fundamentais dos seres humanos. “História serve também para divergir. Quem conhece os fatos do passado aprende, não necessariamente a evitar sua repetição, mas a entender por que às vezes eles se repetem”, escreveu João Batista de Abreu no livro *Afasta de mim este cale-se*.

## Referências Bibliográficas

ABREU, João Batista de; MUNIZ, Maria Luiza; CUNHA, Renata. *Afasta de mim este cale-se: o encontro de memórias e histórias sobre o regime militar*. Niterói: Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos da Universidade Federal Fluminense, 2006.

ABREU, João Batista de. *As manobras da informação*. Niterói: EdUFF, 2000.

ARNS, Paulo Evaristo (org). *Brasil nunca mais*. Petrópolis, Vozes, 1985.

BENJAMIN, Cid. *Gracias a la vida – memórias de um militant*. Rio de Janeiro, José Olympio Editorial, 2015.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História, ou o Ofício do Historiador*; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio*. Campinas, Unicamp, 1995.

TAVARES, Flávio. *Memórias do esquecimento*. Porto Alegre, L&PM.

VERANI, Sérgio. *Assassinatos em nome da lei*. Rio de Janeiro, Aldebarã, 1996.